



Guerra contra o Hamas

Israel afirma que concluiu operação militar no norte da Faixa de Gaza

— Forças de Defesa de Israel irão se concentrar no sul do enclave, onde cerca de 2,3 milhões de civis se encontram; governo também fala em ampliar guerra com Hezbollah

JERUSALÉM

As Forças de Defesa de Israel (IDF, na sigla em inglês) afirmaram ontem que concluíram as operações no norte da Faixa de Gaza ao desmantelar a infraestrutura militar do grupo terrorista Hamas. Segundo o porta-voz das IDF, Daniel Hagari, o foco da operação militar será “construir sobre o que foi alcançado” na região e se concentrar nas áreas central e sul do enclave. A ampliação dos combates com o Hezbollah, na fronteira com o Líbano, também está no radar israelense.

O fim das operações no norte de Gaza, onde começou a invasão israelense, foi anunciado nas vésperas da visita do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, a Israel. Blinken e outras autoridades do governo Joe Biden pressionam o país a reduzir a campanha aérea e terrestre na Faixa de Gaza e optar por ataques mais direcionados aos líderes do Hamas, com o objetivo de reduzir danos aos civis palestinos.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, ressaltou ontem que o fim das operações no norte não significa que a guerra está terminada. Ele diz que o Hamas ainda não foi destruído e nem todos os reféns, resgatados. Há semanas, Israel concentra as operações no sul de Gaza, onde a maioria dos 2,3 milhões de palestinos agora se encontra.



OHAD ZWIGENBERG/AP

Tanque israelense em posição próxima à Gaza; operações no norte do enclave foram concluídas

MORTES NO SUL. Na cidade de Rafah, no sul, dois jornalistas foram mortos ontem em um ataque aéreo. Dentre as vítimas, está Hamza Dahdouh, filho mais velho de Wael Dahdouh, principal correspondente da emissora Al-Jazeera em Gaza, segundo informou o canal e os médicos locais.

Dahdouh já havia perdido outros quatro parentes — sua esposa, dois filhos e um neto — em um ataque em 26 de outubro, e ele próprio foi ferido em outro ataque israelense no mês passado, que matou um colega. “O mundo está cego para o que está acontecendo na Faixa de Gaza”, disse.

“Preferimos o caminho de um acordo diplomático, mas estamos aproximando do ponto em que a ampuheta vai virar”

Yoav Gallant
Ministro da Defesa de Israel

soas, incluindo 12 crianças,

mortos em outro ataque.

soas, incluindo 12 crianças, mortos em outro ataque.

HEZBOLLAH. Enquanto os ataques continuam no sul de Gaza, a preocupação na fronteira de Israel e do Líbano cresce em razão dos combates entre os militares israelenses e os militantes do Hezbollah. Em conversa com autoridades americanas que estão na região para evitar uma escalada no conflito, Israel afirmou que pode lançar uma grande operação militar no país vizinho. “Preferimos o caminho de um acordo diplomático, mas estamos nos aproximando do ponto em que

a ampuheta vai virar”, disse o ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, na sexta-feira.

Os americanos estão preocupados que uma ofensiva no Líbano seja usada por Netanyahu para se manter no poder, em meio a críticas internas sobre o fracasso do governo em impedir o ataque terrorista do Hamas em 7 de outubro. Caso o conflito com o Hezbollah aumente, uma avaliação da espionagem americana indica que seria difícil para as IDF serem bem-sucedidas em razão dos ativos e recursos militares empregados na Faixa de Gaza.

Segundo as autoridades americanas, o Hezbollah não tem interesse em uma guerra na região. Em um discurso na sexta-feira, o líder do grupo, Hasan Nasrallah, prometeu uma resposta à ação de Israel que matou um líder do Hamas em Beirute, capital libanesa, mas deu a entender que estaria aberto a negociações.

Os EUA afirmam que uma escalada no Líbano poderia atrair o Irã, que apoia tanto o Hezbollah quanto o Hamas, e forçar os Estados Unidos a responder militarmente em nome de Israel. As autoridades temem que um conflito desse tipo supere o derramamento de sangue da guerra entre Israel e Líbano em 2006, que afetou mais de 500 mil pessoas, em razão do arsenal maior de armas de precisão e de longo alcance do Hezbollah. ● AP, W.P.

Tensão na Península

Coreia do Norte faz disparos perto da fronteira com a Coreia do Sul

SEUL

A Coreia do Norte intensificou os exercícios militares perto da fronteira com a Coreia do Sul no sábado, segundo as autoridades de Seul. Mais de 60 disparos de artilharia foram realizados ao redor da Ilha de Yeonpyeong, mesmo local onde Pyongyang fez mais de 200 disparos na sexta-feira.

Os exercícios militares consecutivos violam um acordo militar de 2018. Em comunicado, o Exército norte-coreano disse que eles eram uma resposta aos treinamentos militares sul-coreanos e haverá um “contrataque severo em um nível sem precedentes” se a Coreia do Sul “provocar”.

Especialistas afirmam que a Coreia do Norte provavelmente continuará a série de testes

militares para aumentar sua vantagem em negociações futuras com Washington, à medida que os EUA se aproximam das eleições presidenciais este ano.

A fronteira marítima oeste das Coreias, onde os exercícios foram feitos, foi palco de batalhas navais sangrentas entre as Coreias em 1999, 2002 e 2009. O suposto afundamento de um navio de guerra sul-coreano pela Coreia do Norte ma-

tou 46 marinheiros sul-coreanos em março de 2010, e o bombardeio de artilharia da Ilha de Yeonpyeong pela Coreia do Norte matou quatro sul-coreanos em novembro de 2010.

Em uma recente cúpula do partido que comanda a Coreia do Norte, o ditador Kim Jong-un afirmou que a Coreia do Sul não deve ser considerada como parceira para reconciliação ou unificação. Ele ordenou que o Exército acelerasse os preparativos para uma guerra e use todos os meios disponíveis, incluindo armas nucleares, contra o Sul em caso de conflito.

Desde 2022, a Coreia do Nor-

te realizou mais de 100 testes com mísseis, muitos deles armas nucleares, direcionados aos Estados Unidos e à Coreia do Sul. Os EUA e a Coreia do Sul responderam expandindo

Fronteira
Exercícios militares
ocorrem em local
que foi palco de batalhas
em 1999, 2002 e 2009

a aliança e os treinamentos militares. A Coreia do Norte chama as ações de “ensaio de invasão” e acusa os EUA de tornarem a situação no Leste Asiático de “insustentável”. ● AP